

# Mobilidades marginais na “era das facções”: entre trabalho, família e crime<sup>1</sup>

Marginal mobilities under prison fangs’ times: amongst labour, family and crime

**Fernando de Jesus Rodrigues**

Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil

**Adson Amorim**

Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil

## RESUMO

Neste artigo, abordamos como mobilidades de jovens se entrelaçam com redes familiares, laborais e criminais. Observamos as relações de regimes de mobilidades com tensões cotidianas atravessadas por conflitos entre polícias e facções nas periferias urbanas de Alagoas. Destacamos dois repertórios de mobilidades, expressos na forma de evacuações ou migrações, intermediados: (1) por instrumentos jurídicos e acesso da família a advogados, a partir do sistema de justiça juvenil e (2) por meio do agenciamento de relações familiares. Os garotos em questão fugiam de grupos de extermínio formados por policiais, em dois diferentes estados do Brasil. Perguntamos como redes estatais, mercantis e familiares se relacionam com movimentos de trabalhadores e bandidos entre “sertões” e “fronteiras”. Destacamos como eles moldam equilíbrios instáveis de poder, afeições e regulação de conflitos nas margens urbanas em cidades de Alagoas e outras cidades do Brasil.

**Palavras-chave:** Mobilidade, Margens, Facção, Família, Trabalho.

---

<sup>1</sup> Agradecemos às observações de Gabriel Feltran, Ada Rízia Carvalho, Rangel Fidéles, Moacir Carvalho, Nido Farias, Luciana Calado e Simon Jara, Taciana Alécio Rodrigues, além dos avaliadores anônimos que contribuíram para chegarmos à versão final do artigo.

---

Recebido em 21 de janeiro de 2021.  
Avaliador A: 20 de fevereiro de 2021.  
Avaliador B: 01 de abril de 2021.  
Aceito em 01 de junho de 2021.

---



**ABSTRACT**

In this article, we discuss how juveniles' evacuation and migration are intertwined with crime, family, and labour networks. We observed the relationship of these journeys with daily conflicts stressed by the conflicts amongst prison gangs in the urban peripheries of Alagoas. We highlight two journeys of evacuation and migration: (1) related to the juvenile justice system and (2) to the family networks, both arranged by juveniles who were fleeing death squads formed by the police and their allies in different states of Brazil. We asked them how state, market and family networks are related to movements of workers and bandits between the Brazil's "backlands" and "borders". We highlight how they shape unstable balances of power, affection, and conflict regulation on the urban margins in Alagoas.

**Keywords:** Mobility, Margins, Prison gang, Family, Labor.

**INTRODUÇÃO**

Depois de uma pequena espera, enquanto éramos autorizados a entrar no complexo por um portão de ferro, alto e espesso, caminhamos por um pátio até um segundo portão, que dava acesso às unidades recém facionadas<sup>2</sup> entre o Comando Vermelho (CV) e o Primeiro Comando da Capital (PCC). O portão não tinha guarita. Éramos nós mesmos que tínhamos de abrir e fechá-lo. Passado o portão, à esquerda, vimos um pequeno largo à meia distância, em frente à unidade de acolhimento inicial.

Era janeiro de 2017, verão quente em Maceió. Fazia cinco anos que conduzíamos uma pesquisa coletiva, tanto em unidades de internação quanto em bairros periféricos da cidade. A pesquisa focava os entrelaçamentos de redes familiares e afetivas de jovens e suas agências em mercados ilegais e cadeias. A pesquisa nos levou a novos interesses e engajamentos ao longo dos anos, pressionados pelo campo<sup>3</sup> e por suas interlocuções.

---

2 A referida separação ocorreu em novembro de 2016.

3 As experiências deste artigo advêm de uma longa e intensa pesquisa sobre agências e mercados criminalizados, a partir da realização de uma pesquisa de campo em unidades de internação e bairros periféricos de Maceió e de cidades do interior de Alagoas. Teve o apoio de agências de fomento em diferentes ciclos: do edital Fapeal Humanidades, processo nº 60030-000260/2017 e do edital universal CNPQ, processo nº 48161120134. Também se beneficiou de dados de projetos em andamento, intitulados "A expansão das 'facções' e o novo 'mundo do crime' no Nordeste: os elos a partir de Alagoas", contemplado pelo edital Universal CNPq, processo nº 439179/2018-1,

Alguém na porta da unidade nos reconheceu e fez um chamado. Demoramos mais que o habitual para entender que era conosco. Quando viramos, notamos o coordenador da U-3, a unidade aonde estávamos indo. Rapidamente caminhamos em sua direção.

Era um homem negro, de óculos escuros espelhados e corpo esguio, vestindo uma camisa polo salmão, *jeans* e sapato preto, estilo *derby*. Cumprimentou-nos falante e simpático, não sem nos soar um pouco exagerado. Seus colegas nos cumprimentaram com um movimento de cabeça. Saudamo-lo e saudamos os monitores de volta, perguntando-lhe como estava a unidade. Não houve tempo para resposta.

Uma van da Sumese<sup>4</sup> adentrou o segundo portão e, devagar, freou em frente à unidade de acolhimento inicial, na altura em que estávamos. Dois agentes desceram. Cumprimentaram todos e informaram que mais um adolescente chegou à unidade de acolhimento inicial, “veio pela justiça, transferido do Mato Grosso”.

Ouvimos, curiosos, e nos afastamos. Como fazíamos campo e mantínhamos interlocução simultaneamente dentro e fora do sistema, nos lembramos de entrevistas e situações recentes que tínhamos acompanhado. Incluíam relatos de adolescentes, jovens e adultos, homens e mulheres, sobre suas experiências ou as experiências de familiares no crime e no trabalho, em migração para outros estados, tais como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Entretanto estávamos particularmente surpresos com a intensificação dos movimentos para o Centro-Oeste e o Norte do país. Até então, não tínhamos noção de que esses movimentos tinham relação com a migração de nordestinos em busca de trabalho e acompanhando familiares desde os anos 1970, nordestinos que, até meados dos anos 2010, eram ascendentes (OJIMA e FUSCO, 2014; OLIVEIRA e JANNUZZI, 2005).

Uma das pessoas com quem havíamos conversado fora Bira<sup>5</sup>, homem alto e magro de pele parda, castigada pelo sol. Vestia camisa de torcida organizada, além de uma bermuda e chinelo manchados com cimento. Era servente de pedreiro e morava na região da Lagoa Mundaú, na Zona Sul de Maceió, região associada a uma intensa pobreza e ao estigma da violência urbana. Equilibrando-se no telhado de uma casa, se emocionou ao ouvir *Munnakyaalo*, um reggae ugandense, conhecido em Maceió como *Melô de paixão*. Recordou uma época, no final dos anos 2000, em que se divertiu com um parceiro em discotecas situadas em regiões da cidade nas

---

e “Conexões marginais: periferias, mercados ilegais e a expansão das facções criminais no Brasil”, aprovado em edital Fapesp-Fapeal (processos nº 2019/25686-9 e nº APQ2019041000071), parceria entre os grupos Namargem/UFSCar e Gruppas/Ufal.

4 Superintendência de Medidas Socioeducativas de Alagoas.

5 Por questões éticas, os nomes de nossos interlocutores são inventados.

quais hoje não podia andar: “Eu andava muito em discoteca nessa época. Hoje é embaçado, não dá. O cara tem que se ligar. Eu não ando ali pra Jaraguá, Pajuçara. Tem muito alemão”. Trata-se de uma referência aos aliados do PCC, agora inimigos de seus *considerados* do CV.

Apesar de ter-se afirmado como não envolvido com os negócios de facção, ele se posicionou afetivamente vinculado aos faccionados: “Esse negócio de facção aí, eu não sou envolvido, mas conheço os cara tudinho na minha área, sou considerado<sup>6</sup>. Fico cabreiro de andar em outra parada”. Aos poucos, na conversa, vamos entendendo como “conhecer” e ser “considerado” o coloca numa situação liminar de risco ao caminhar por outras regiões da cidade.

Suas ligações com as facções eram mais fortes do que à primeira vista transpareceu ao falar em “não ser envolvido”. Sua vida e a vida de seus familiares foram profundamente afetadas pela atuação policial e pela recente ruptura da aliança CV-PCC, em 2016 (MANSO e DIAS, 2018; RODRIGUES, 2020a). A nova direção das ligações entre ladrões e polícia colocou membros de sua família numa rota de colisão. Gerou juras de morte, afastamentos mútuos e evacuações, um manancial de sofrimentos, além de forçar a mãe, em dificuldades – econômicas e de mobilidade – a visitar regularmente seu irmão, encarcerado em um presídio federal em Roraima:

Eu tenho primo dos dois lado [PCC e CV] que não se fala. Muito sofrimento. Tenho um irmão que tá preso lá em Roraima. Tudo calado, não pode falar com ninguém. Só minha mãe que vai lá de dois em dois meses visitar ele. Ninguém mais pode entrar. Ele tá *sussegado*. Tem os *a favor* dele lá, não falta nada. Mas é muito longe de casa. Minha mãe vai lá dois meses, três meses. Mas é longe. Ela sente falta. (BIRA, grifo nosso).

É de mobilidades de jovens e familiares entre margens regionais e urbanas, incluindo pequenas e médias cidades, que vamos tratar neste texto. Entretanto observamos tais fenômenos em sua intersecção com conflitos cotidianos marcados por conflitos entre facções e as dinâmicas de punição ilegal perpetrada por policiais. A nova divisão de poder constrangeu e constrange a figuração de mercados e governos criminalizados dentro e fora do sistema socioeducativo de Alagoas. Também pressionou as dinâmicas de grupos de extermínio que miram operadores baixos do tráfico e do comércio de mercadorias roubadas, homens jovens, particularmente negros. O texto abrange eventos em periferias de cidades de um estado triplamente periférico

---

<sup>6</sup> “Considerado” foi um termo que ouvimos de diferentes interlocutores para situar suas proximidades e, ao mesmo tempo, distâncias com atores criminais aliados de facções ou de lideranças policiais que coparticipavam de mercados ilegais. O termo sinaliza que uma pessoa é parte de alguma rede fraternal, participando de sociabilidades de diversão, redes de ajuda mútua, eventualmente algo “criminal”, como guardar uma arma ou receber algo roubado, mas não diretamente vinculada aos negócios criminais como o tráfico e o roubo. Muitos são considerados porque conheceram essas lideranças em alguma penitenciária e, após a saída, definem-se como fora do crime, mas ainda próximos de pessoas que estão nele.

no capitalismo global – regional, nacional e internacionalmente – em conexões com outras regiões do país, como estados fronteiriços.

A questão que nos guia é o modo como pressões estatais, mercantis e familiares se entrelaçam, figurando repertórios de mobilidades de trabalhadores, de famílias e do crime entre regiões periféricas do Brasil. Nesses percursos, atentamos para os equilíbrios instáveis de poder, afeições e regimes de mobilidades entre margens urbanas particulares a Alagoas.

A longa pesquisa coletiva desenvolvida entre 2012 e 2018 nas dependências do sistema socioeducativo de Alagoas<sup>7</sup>, lastreada em diários e notas de campo, muitos deles discutidos em reuniões da equipe, foi o guia para o desdobramento de outras estratégias metodológicas complementares. Considerando a cadeia como um lugar produtivo de relações (BUMACHAR, 2016; PADOVANI, 2015), o primeiro ano e meio de interlocuções e entrevistas (WEBER, 2009) com funcionários e jovens internos forneceu as bases de um questionário focado em apreender dinâmicas intergeracionais de jovens em Alagoas e, a partir delas, aspectos singulares das instituições estatais e mercantis do estado. As interlocuções, as entrevistas e os questionários foram acompanhados das notas de experiências dessas interações e continuaram a guiar o conjunto da pesquisa.

Neste artigo, reconstruímos as trajetórias de dois jovens internos e os movimentos coproduzidos pelo estado, pela família e pelo crime, além do mercado. Abordamos tomadas de posição e percursos de mobilidade de pessoas entre os bairros de uma cidade, entre as cidades de um estado e entre as cidades de diversos estados do Brasil, entrelaçadas com conflitos e alianças faccionais, familiares e de amizade em territórios urbanos periféricos.

Neste artigo, abordamos dois tipos de mobilidade inter-regionais intermediados (1) pelo sistema de justiça juvenil e (2) por redes familiares, ambos agenciados por adolescentes em fuga de grupos de extermínio com agentes policiais de estados diferentes do Brasil, além de seus aliados, alguns formando milícias.

## **MOBILIDADES, FRONTEIRAS E FACÇÕES**

A relação entre mobilidades inter-regionais – especialmente na forma de migrações e evacuações – e dinâmicas de conflito armado tem ganhado destaque em estudos de fenômenos

---

<sup>7</sup> Fruto desse percurso são os seguintes trabalhos: Carvalho (2021) e Santos (2021).

latino-americanos não brasileiros (LEÓN, 2019b; PEÑA e GARCÍA-MENDOZA, 2019) a partir de chaves analíticas bastante heterogêneas. Dialogam com este artigo as que destacam as limitações de pensar as mobilidades em termos de fronteiras nacionais externas e internas, conferindo importância às motivações e às táticas para os deslocamentos próximas das perspectivas de seus atores e atrizes (ARAYA e ARAYA, 2016; FACUNDO, 2017; IDLER, 2019; LEÓN, 2019a; NÚÑEZ, 2016).

Essas perspectivas têm afinidades com nossa abordagem, que entende os repertórios de mobilidades por meio de interpenetrações de constrangimentos estatais e mercantis e processos de subjetivação que levam em conta tramas afetivas de parentesco (BUMACHAR, 2016; FREIRE-MEDEIROS e LAGES, 2020; PADOVANI, 2015) e redes fraternais de trabalho e do crime (RODRIGUES, SILVA e SANTOS, 2020). Propomos uma abertura de agenda quanto às relações entre mobilidade inter-regional, dinâmicas de coletivos criminais armados e trabalho precário.

Os movimentos de pessoas do Nordeste em busca de trabalho para estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, são bem conhecidos (FURTADO, 2003), ainda que as informações desse tipo ligadas a Alagoas sejam pouco sistemáticas e detalhadas (ALBUQUERQUE e CANIELO, 2011; PLANCHEREL, ALBUQUERQUE e VERÇOZA, 2011). Alagoas é um polo historicamente subordinado à lógica expulsória de populações associada ao movimento do capitalismo global. Tanto em sua feição colonial quanto em sua versão bipolar, condensada no desenvolvimentismo nacional brasileiro, a mobilidade foi altamente pressionada pelo colonialismo interno e pelo capitalismo internacional, desenvolvido no Império e continuado na República. Tal percurso desembocou tanto nas migrações de pobres para margens rurais e urbanas de outras regiões do país (FURTADO, 2003; SANTOS, 2008; VELHO, 2009) quanto na criação de mercados ilegais em periferias. Entretanto a figuração contemporânea das mobilidades relacionadas às dinâmicas criminais e aos conflitos armados urbanos é pouco discutida.

A “ruptura da aliança” entre o CV e o PCC em presídios do Brasil ocorrida em agosto, mas com repercussões mais intensas em novembro de 2016, era uma situação recente para nós, em campo em janeiro de 2017. Acompanhamos, de dentro do sistema socioeducativo alagoano a divisão de unidades pela relação entre exercício de governo faccional e território urbano, apesar de Alagoas não ter sido marcado por fatos semelhantes aos massacres prisionais de Roraima, do Amazonas ou do Rio Grande do Norte (MANSO e DIAS, 2018; MELO e RODRIGUES, 2017).

Abundaram, porém, relatos de assassinatos fora das prisões e de evacuações de adolescentes e jovens das casas e bairros onde foram criados. Houve uma série de afastamentos

e separações repentinas entre irmãos, primos, amigos de infância e de vizinhança, tudo porque uns correm com o 3, e outros, com o 2<sup>8</sup>. São fenômenos tão massivos quanto invisíveis nas arenas públicas, expressos na indiferença de bancos de dados dos governos estatais, que reproduzem perspectivas restritas da “lei e da ordem”.

Como tem chamado atenção um conjunto relevante de etnógrafos, os regimes de regulação dos conflitos nas periferias urbanas são múltiplos, concorrentes ou complementares. São também atravessados por enunciados e posturas mutantes sobre a demarcação moral e pragmática do legal/ilegal (BIONDI, 2017; FELTRAN, 2020; MARQUES, 2016; TELLES, 2010).

Um dos repertórios que coexistiram com a atuação da polícia e de tribunais é aquele expresso por facções, nos sentidos que assumiram nos sistemas prisionais dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ficou evidente que agora não estão concentradas nas grandes megalópoles brasileiras – ocupam também as margens urbanas regionais e de países vizinhos (MANSO; DIAS, 2018; MELO; RODRIGUES, 2017; PAIVA, 2019; RODRIGUES, 2020a, 2020b; SIQUEIRA; PAIVA, 2019).

Para dar conta das experiências de mobilidade relacionadas aos conflitos faccionais que temos observado em cadeias e favelas de Alagoas, sentimos a necessidade de levar em conta outras escalas e ritmos (FREIRE-MEDEIROS e LAGES, 2020). Além da prisão e da rua, da entrada e da reentrada nos sistemas penitenciário e socioeducativo (GODOI, 2017; MALLART e RUI, 2017), parece importante atentar empiricamente para as circulações entre prisões e *quebradas* de diferentes regiões e estados do país. Isso implica olhar a circulação e as alianças entre prisões e favelas de diferentes estados e problematizar o impacto da percepção dessas escalas sobre os cotidianos em que as regulações da violência local se atualizam. Ademais, permite olhar a alteração nas formas de subjetivação e ação coletiva nas margens urbanas de pequenas e médias cidades, que aumentam suas dependências mútuas com o sistema-mundo (WALLERSTEIN, 2011), particularmente através de redes altamente criminalizadas.

A esse respeito, seguimos pistas deixadas por Bumachar (2016) e Padovani (2015), que sugerem que as feições afetivas das redes de proteção que se enovelam com os significados de “estar preso e livre” e de se sentir “estranho ou estrangeiro” em uma cadeia permitem entrever horizontes de mobilidade entre esses atores, oriundos de múltiplos territórios e escalas, interconectadas por mercados ilegais e governos criminais. A compreensão das lógicas de

---

8 É muito comum a referência ao PCC como o “3” (três) e o CV como o “2” (dois): há fotografias nas redes sociais de jovens em que são vistos usando as mãos e os dedos para simbolizar um dos coletivos.

encarceramento de pessoas em sistemas prisionais de países diferentes de onde os encarcerados ou encarceradas nasceram também se coloca para as relações entre sistemas prisionais de estados diferentes de um mesmo país. Aqui, destacamos o invisível fenômeno das mobilidades que borram as fronteiras internas e étnicas dos estados de um país a partir de suas dinâmicas criminais.

Não podemos, entretanto, supor que os trânsitos entre cadeias e quebradas de cidades de estados diferentes operem os mesmos efeitos de hegemonia ou multipolarização de coletivos criminais nas cidades onde os coletivos surgiram. Consideramos que estão atreladas a desenvolvimentos estatais e mercantis distintos que interpenetram as trajetórias afetivas das pessoas, tomadas aqui também como estratégia metodológica de aproximação das mobilidades.

A partir dos relatos e interlocuções, podíamos identificar um percurso de mudanças nas balanças de emoções que formavam estimas próprias desses garotos. Isso inclui suas expressões de que foram inferiorizados afetivamente por alguma pessoa de quem eles esperavam alguma proteção afetiva. As expressões de consideração ou desprezo por alguém foram posicionadas como uma trajetória de deslocamentos afetivos, a partir da qual poderíamos compreender suas agências por busca de proteção e cuidado, ou que expressavam a perda da esperança de terem algumas dessas expectativas frustradas. Portanto mobilidade, aqui, não se refere apenas a deslocamentos territoriais, mas também afetivos (GUEDES, 2015 e 2017), que engendram dinâmicas de conflito e apaziguamento nas personalidades, inscrevendo o modo como os impulsos e desejos movem as pessoas e suas redes (ELIAS, 1994). Isso nos serviu de guia para perceber mudanças em suas vidas rumo ao engajamento em redes criminais e redes de proteção fora da família ou as ambivalências nos sentidos de proteção implicadas na enunciação dessas referências de alianças e parcerias, seja como *família*, seja como *facção* (RODRIGUES, SILVA e SANTOS, 2020).

Com essa bússola, ficávamos atentos à importância de outras motivações nas vidas desses jovens. Através de expressões de afeição, repulsa e indiferença de pessoas, reconstruímos trajetórias e delas tracejamos deslocamentos como mudanças de casas, de família e de redes afetivas para além da família, calibrando a percepção para notar mobilidades indesejadas ou desejadas, entrelaçadas com as trajetórias no crime.

## SANDRINHO

Ele veio escoltado por um monitor, por uma porta lateral. Andou até a sala da equipe técnica arrastando as sandálias, jogando os braços para frente e para os lados, retendo na boca e nas bochechas um pequeno riso, provocador e sarcástico. Com os braços algemados para trás, de cabeça baixa, uniformizado com bermuda vermelha e camisa branca, se aproximou da porta. A psicóloga o cumprimentou de maneira amistosa e pediu ao monitor que tirasse as algemas. Sandrinho era um jovem negro esguio de 17 anos. Tinha os cabelos cortados, provavelmente com máquina 0,5 ou 1, com uma listra fina nas laterais, feita com máquina zero. Fez um movimento de levar as mãos até as costas, terminando por coçar a cabeça, gesto repetido de tempos em tempos durante a entrevista.

Já sentado na cadeira surrada e sem forro e encostado em uma parede, ele nos conta que nasceu em Branca de Atalaia, pequeno povoado próximo ao município de Cajueiro, na Zona da Mata alagoana. Quando tinha três anos, seus pais se separaram. Ambos trabalhavam como agricultores de subsistência em pequenos sítios, plantando macaxeira (mandioca), feijão e milho, tudo em pequenas quantidades.

Conta que, durante a separação, sua mãe mostrou intenção de levá-lo, e ele, de acompanhá-la, porém o pai não permitiu, valendo-se de violências físicas e ameaças. Como passaram a morar próximos após a separação, mãe e filho mantiveram contato. Sua avó e sua tia paternas foram as pessoas que efetivamente o criaram a partir de então, cuidando do garoto por oito anos. Durante esse tempo, a mãe manteve-se no horizonte da vida de Sandrinho, compondo sua convivência no bairro, recebendo-o em sua casa, ainda que nunca tenha se tornado uma figura da rotina doméstica e cotidiana dele. Ainda assim, tal presença acalentou idealizações de Sandrinho de que sua mãe se tornasse uma mãe mais próxima e concreta, bloqueando a percepção de que ela raramente partilhava o cotidiano doméstico com ele.

Entretanto, quando Sandrinho completa 10 anos, sua mãe decide mudar-se para São Paulo, acompanhando o então atual marido, agora com dois filhos da nova relação. Nesse período, o garoto decide ir morar com o pai, em uma tentativa de aproximação. O movimento não parece ter sido bem-sucedido. Sandrinho continuou sentindo-se alienado do afeto paterno, pois julgava que o pai dava mais atenção ao enteado – filho biológico de sua atual esposa, da mesma idade que Sandrinho –, criando-o como um filho. Tal ressentimento foi agravado pela percepção de que o pai era responsável também pela privação da companhia significativa de sua mãe “de sangue”, à época da separação. A ida da mãe a São Paulo e sua investida malograda

de aproximar-se de seu pai o marcou, para nós um ponto de referência uma virada em sua vida:

Porque a *mulé*, meu pai tá com uma *mulé*, né? E a *mulé* do meu pai, tem um filho que é quase da mesma idade, menor que eu um ano, e o meu pai só dava valor a ele, não dava valor a eu não. Aí eu botei na cabeça: “Não vou morar mais com esse *bicho* não”. Pra chegar na casa da minha avó, não dava nenhum valor a eu. Peguei minha roupa e saí de casa.

A saída de casa é um evento que se entrelaça com alterações bruscas nas redes de pessoas que nutrem ou privam de sentidos as vidas de crianças e adolescentes. São mudanças geradas por morte de parentes queridos, doença ou conflitos armados, acompanhadas da percepção e do sentimento de estar abandonado. Tais tormentas psíquicas queimam o combustível da ansiedade, que pode se enlaçar com esses eventos de engajamento em rivalidades de proteção de parceiros. As trajetórias de equilíbrios instáveis no ambiente interpessoal de fornecimento de afeto e sentido de vínculo vão se posicionando no mundo de alguns garotos a partir da ideia de “ganhar a vida” e disputar o poder na quebrada. São crianças e “sujeitos-homem” (DRYBREAD, 2014) com uma fachada frágil, mas violenta, que ostenta força bruta e pouca fala a todo custo. Isso é uma fonte propulsora da busca por redes de proteção que ganham forma em repúblicas de parceiros, menos no sentido de estilo de governo da casa e mais no sentido do compartilhamento da vida doméstica em uma mesma residência com gente da mesma idade (GALEANO e ALMEIDA, 2018; LYRA, 2013). Também abarca comprometimentos de aliança nos negócios na rua, no companheirismo e na parceria cotidiana, moldando a “correria no crime” e na vida.

Nosso interlocutor relata que aos 11 anos começou a se envolver em “corres”, roubando e traficando, momento que coincidiu com a ida de sua mãe a São Paulo, a tentativa de se aproximar do pai em Maceió e a percepção de abandono que sentiu em relação aos dois. Sandrinho enuncia em diferentes momentos da entrevista a percepção de que eles não acreditavam em seu distanciamento do crime. Ao sair da casa do pai, encontra moradia com parceiros ligados ao CV, onde mergulha de vez em batalhas por tomadas de bocas de fumo ou “biqueiras”, defendendo e atacando hordas de garotos, então fragilmente marcadas por alianças faccionais. Essas facções se faziam mais presentes em dinâmicas atacadistas que dinâmicas no varejo, algo que começou a mudar mais intensamente a partir de 2014. Nesse momento, os pontos de venda passaram a ser tratados quase como irmandades de redes atacadistas. Essas disputas culminaram na “ruptura da aliança” em termos nacionais, em 2016, e a intensificação de um senso de compromisso com obrigações faccionais em Alagoas desde então. Sandrinho relata:

Eu morava aí no Clima Bom II, fui pra casa do meu pai, passei uns dois, três dia

na casa do meu pai. Meu pai disse: “Fica aí morando comigo”, mas ali né lugar pra morar não, peguei minhas roupa e fui pra casa do meu parceiro e pá. Aí na casa desse parceiro, só rolava atentado, os cara só botava pra matar *nóis*, aí ligou pra minha tia – pra você vê, o meu pai de lá não quis me buscar não, eu era mais *muleque*, meu pai não quis me buscar não, aí ligou pra minha tia. A minha tia lá de Branca de Atalaia veio me ver. Aí eu só fui por causa dela, porque se fosse ele que tivesse ido me ver, eu não ia não. Só foi por causa dela, que eu considerava mais.

A aproximação de Sandrinho do crime, como a de outros garotos que entrevistamos, se relaciona às dinâmicas de apego e desapego (desilusão) afetivos (BOWLBY, 2002) associadas às rede de proteção, de oportunidades de ganho e sobrevivência disponíveis. Nesse entrelaçamento, as buscas por estima própria ganharam forma. É nesse contexto que Sandrinho dá sequência a relações de vingança, tomando as dores de um parceiro e iniciando um curso de engajamentos em batalhas que redundaram em assassinatos. É esse engajamento que faz dele uma pessoa marcada para morrer entre adversários. Assim, vê-se obrigado a sair de Maceió, voltando novamente para seu povoado, não mais para morar com a família, mas em outra república de parceiros.

Encontra na pequena localidade uma situação de violência crônica (COLAK e PEARCE, 2009), ligada a disputas por bocas de fumo com um grau elevado de integração com os conflitos de Maceió (Sandrinho buscava as drogas que comercializava em bairros da capital). Novamente vê-se pressionado a abandonar sua moradia, na periferia do município, fugir e migrar.

**FERNANDO:** Então quando aparecia um corre no bairro deles, vocês também faziam?

**SANDRINHO:** Fortalecia.

**FERNANDO:** Era um negócio. Aí eles começaram a se sentir invadidos, aí eles vinham pra pegar vocês?

**SANDRINHO:** Ia pra lá dá ataque. Aí meu tio soube, meu tio tá com uns 15 ano que tá em Mato Grosso já [...]. Quem comprou a passagem foi meu pai. Óia, não sei que milagre que ele comprou a passagem.

**FERNANDO:** Entendi.

**SANDRINHO:** Deu 900 conto pra eu ir pra Mato Grosso. Aí [fui] no ônibus clandestino.

Valendo-se de contatos familiares, entremeados com os contatos de trabalho, seu pai lhe dá um dinheiro para que vá morar com um tio em uma cidade do interior de Mato Grosso. As esperanças dos familiares de que Sandrinho mudasse de vida não eram fortes.

Mencionou, orgulhoso, sua habilidade de roubar carros, reconhecendo ali algo em que era bom. Ademais, reconhece tanto em parcerias quanto nas inimizades e rivalidades pontos de referência para seus investimentos em busca de afeições e sentidos. Por outro lado, entendia que poucas pessoas de sua família estariam interessadas nele de maneira afetivamente engajada,

ainda que houvesse disposição deles para tentar livrá-lo daquela urgência criminal.

Ao chegar à cidade do interior de Mato Grosso, a despeito de ter arrumado um trabalho de baixa remuneração como entregador, faz amizades em uma rede de jovens traficantes e ladrões ligados ao CV. As amizades vêm acompanhadas da requisição de serviços, especialmente roubar carros para os *cabeças* montarem ações maiores de tráfico e roubo e levantarem seus negócios na fronteira. Engatilha uma série de roubos, além de atuar no tráfico, o que lhe rende atenção da polícia local, que pretende exterminá-lo, marcando-o.

Em uma de suas atuações, Sandrinho roubou um carro em uma cidade média de Mato Grosso, trocado por 40 kg de maconha. Era um serviço demandado por um aliado do Comando Vermelho. O veículo roubado provavelmente teria uma trajetória diferente da de Sandrinho, um garoto negro, pobre, migrante nordestino vindo do interior de Alagoas.

O carro poderia ter alimentado o mercado ilegal de automóveis na fronteira com a Bolívia, ou ter sido desmontado e ter suas peças vendidas em mercados legais e ilegais em cidades brasileiras, emaranhados com desmanches de seguradoras (FELTRAN, 2019 e 2021). Ademais, poderia, antes de virar veículo legal em outro país, se tornar um instrumento de outro roubo maior, liderado por aliados do CV.

No entanto há também uma regularidade no fluxo das pessoas envolvidas no roubo de carros e tráfico de drogas pelo país, entre diferentes estados e regiões. É nesse fluxo que estamos interessados aqui.

Se um adolescente como Sandrinho continuar neste negócio, em ocupações inferiores de mercados ilegais, mais cedo ou mais tarde estará em uma instituição de encarceramento juvenil. Para um migrante nordestino, especificamente alagoano, existem outras alternativas típicas para sua trajetória (FELTRAN e FROMM, 2020; KNOWLES, 2011). Ele pode estabelecer alianças com jovens faccionados no sistema socioeducativo do estado para onde migrou e “fazer carreira” lá mesmo.

No entanto não é incomum que a família e o jovem peçam ao Juizado da Infância e Juventude que o adolescente seja levado para mais perto de sua família, especialmente nos casos em que está marcado por grupos de extermínio para morrer, num lugar onde tem uma frágil rede de proteção. Assim fez Sandrinho, que, com receio de ser morto por policiais mato-grossenses, pediu para ser transferido para Alagoas, alegando estar perto da família. Um mês após o deferimento de seu pedido, ele sai escoltado por policiais alagoanos em um voo rumo a Maceió.

## **ENTRELAÇAMENTOS ENTRE REGIMES DE MOBILIDADE: FAMÍLIA, ESTADO E FACÇÃO**

Em casos como o de Sandrinho, o adolescente é encaminhado a um estabelecimento situado na capital alagoana, com o apoio mútuo de sistemas estaduais de justiça juvenil e polícias. Diferentemente de alguns estados brasileiros, o sistema socioeducativo alagoano não conta com unidades de internação no interior do estado, mas também não sugerimos que o sistema se expanda.

Todos os casos em que o juiz aplica uma medida de internação, provisória ou em decisão de mérito, o jovem do interior deve ser encaminhado a Maceió, mesmo que o fato tenha ocorrido na cidade alagoana mais distante da capital. Se um adolescente tiver sido encaminhado por policiais à Justiça em cidades como Delmiro Gouveia, na região sertaneja e fronteira da cidade de Paulo Afonso, na Bahia, ele deveria ser levado à capital, Maceió.

*Deveria* porque a gestão da ilegalidade do comportamento de crianças e adolescentes realizada por agentes estatais também tem regimes normativos múltiplos. Uma parte da vida de jovens e adolescentes interioranos que margeiam a vida criminal em Alagoas passa pelas delegacias de polícia. Adolescentes do interior do estado estão mais sujeitos a um processamento criminal mais informal, a partir de delegacias que os da capital. Antes de serem encaminhados a uma vara da infância e juventude e a uma unidade de internação na capital, eles costumam passar mais tempo sob a custódia de policiais e delegados.

A partir dos questionários aplicados durante a pesquisa, notamos que não há significativas diferenças entre a quantidade de passagens por delegacias entre adolescentes e jovens da capital e do interior. No entanto, quando se trata da quantidade de dias em que adolescentes e jovens ficaram em uma delegacia, antes de serem transferidos a uma unidade de internação, nota-se uma disparidade. Os do interior passam mais tempo em uma delegacia que os da capital. Tal fenômeno, entrevisto nas tabelas 1 e 2, aponta para a maior sujeição de adolescentes e suas famílias a uma administração judiciária do processo criminal nas mãos de policiais e delegados, afetando as dinâmicas de circulação dos jovens via sistema de justiça.

**Tabela 1. Quantidade de passagens por delegacias e local de nascimento do garoto (N = 176)**

Nº de passagens por delegacia	Capital	Interior	Fora de Alagoas	Total
Sem passagem	0	1	0	1
1-2	40	36	3	79
3-4	24	21	1	46
5-6	8	11	0	19
Mais de 6	15	14	2	31
Total	87	83	6	176

Fonte: Banco de dados MIADP – Maceió/Gruppaes/Ufal (2019).

**Tabela 2. Tempo máximo em uma delegacia antes de ser encaminhado a uma unidade de internação, em dias, e local de nascimento do garoto (N = 162)**

Tempo em delegacia até a transferência (em dias)	Capital	Interior	Fora do estado	Total
1-5	53	33	3	89
6-10	15	20	1	36
11-15	8	9	1	18
15-20	2	4	0	6
mais de 20	1	11	1	13
Total	79	77	6	162

Fonte: Banco de dados MIADP – Maceió/Gruppaes/Ufal (2019).

No espaço da delegacia, a interação entre família e polícia pode fazer a diferença na decisão a ser tomada sobre o processamento do adolescente ou do jovem. A família pode resolver o caso diretamente com os policiais, em uma negociação “de balcão” que pode envolver dinheiro, serviços ou conversas que subliminarmente assinalem uma proximidade com redes de amigos, conhecidos ou parentes de autoridades ou policiais do município. Essas interações podem desdobrar algum tipo de alternativa de encaminhamento informal do adolescente preso, retirando os tribunais do horizonte. Apenas quando o caso chega a alguma vara da infância e juventude, algo que depende muito dos policiais, o garoto é encaminhado a Maceió. Nesse meio-tempo, muita conversa foi desenvolvida entre parentes, ladrões e traficantes sobre as posturas a serem tomadas pelo adolescente diante dos agentes do Estado e do sistema.

No sistema socioeducativo alagoano, Sandrinho vai parar em uma unidade daqueles que “corriam com o PCC”, não por vínculos faccionais anteriores, como já destacamos, mas devido a amizades e parcerias anteriores do crime em Alagoas. Dentro da unidade é que ele fica

“fechadão com o PCC”. Ele relata:

**FERNANDO:** E algum policial já quis te matar?

**SANDRINHO:** Rapaz, já, em Mato Grosso. Só vim pra cá porque os policial queria me matar lá. Porque eu tava roubando muito e traficando.

**FERNANDO:** Entendi. Mas lá você já teve contato com o PCC, coisa assim?

**SANDRINHO:** Só com os cara do CV.

**FERNANDO:** Entendi. Mas aqui você tá correndo mais com o lado do PCC ou do CV?

**SANDRINHO:** Rapaz, eu tô mais do lado do PCC, véi. Tô fechadão.

No caso de Sandrinho, a mudança de Mato Grosso para Alagoas implicou uma adaptação rápida a um novo equilíbrio de poder entre os grupos que coconstroem a ordem na nova unidade em Maceió. Ele tinha negócios com pessoas do CV em Mato Grosso, mas disso necessariamente não decorreram compromissos inter-regionais de facções. As redes familiares e de parceiros, que não necessariamente seguem procederes faccionais, foram os principais vasos comunicantes (GODOI, 2017) de informações e aconselhamento nas redes criminais em Alagoas. Tais trocas se deram a partir de mensagens do aplicativo WhatsApp em um mercado interno, ilegal e, por isso, instável de celulares, mas também através de ligações esporádicas, reguladas, feitas durante os atendimentos da equipe técnica. A partir dessas tramas de circulação de informações, ele se posicionou diante das equipes de triagem do socioeducativo quando chegou a Maceió.

Da mesma maneira que familiares e parceiros são agenciados para promover a mobilidade de jovens e adolescentes em situações de conflitos mortais, principalmente mulheres, mães primárias ou substitutas (tias, avós), ainda que não apenas elas, são as redes de amigos e “considerados”, não necessariamente faccionados, que tinham mais força na vida de Sandrinho como referência de seu posicionamento no crime. Ele transitou bastante pelas periferias maceioenses porque atuou no tráfico de lá antes de ir para Mato Grosso e estava enredado em distintas redes interpessoais dentro e fora do sistema, tanto na capital quanto em cidades do interior.

Desde 2014, a atuação criminal com sentido de aliança faccional em cidades do interior e na capital tornou-se cada vez mais interdependente, mas nada hegemonicamente estável a ponto de atribuímos um sentido de fidelidade faccional hierarquicamente superior. A facção como crença em uma trajetória criminal e num sentido de vida passou a conviver agonisticamente com referências de família de fraternidade de bairro já vigentes. Foi por meio delas que os sentidos faccionais foram se tornando cada vez mais fortes, assim como os conflitos entre essas referências de afeição grupal.

No sistema socioeducativo, entretanto, as facções se impuseram de maneira claramente

dominante a partir de novembro de 2016, a ponto de o sistema ter levado isso em consideração, separando os jovens na “porta de entrada”. No sistema, a facção se impôs de maneira mais forte que a família ou as alianças fraternais de bairro.

As redes de comunicação entre as famílias dos adolescentes e as equipes das unidades – sejam as técnicas, sejam as de segurança (GODOI, 2017) – e as redes que se formaram na constância de entrada e saída de jovens do sistema (MALLART e RUI, 2017) foram vitais para Sandrinho se posicionar diante das equipes de triagem. Algumas perguntas passaram a ocupar seu psiquismo desde o pedido de transferência para Alagoas, já muito “sabido” em relação a regras do crime desde criança e a como se portar diante do sistema. Nessas tomadas de posição estão embutidas potenciais trajetórias no crime. Sandrinho podia reforçar uma aliança faccional entre redes de estados diferentes ou seguir parcerias ou amizades criminais anteriores em sua vizinhança ou em sua família em Alagoas. Isso pode significar uma mudança de aliança. Nesse período, prevaleceu a segunda alternativa, distanciando-o de redes do CV em Mato Grosso e aproximando-o de redes do PCC em Alagoas.

Se em Mato Grosso parecia haver tensões entre o PCC e o CV, com uma vantagem hegemônica para o último, nas carceragens de delegacias, do sistema socioeducativo e penitenciário (MANSO e DIAS, 2018), o caso de Alagoas era e continua a ser diferente. Havia um equilíbrio tenso, mutante e menos desigual entre os que “correm com o PCC e com o CV”, além das redes menos integradas e coesas que se enunciam diante das duas maiores como grupos “neutros” (RODRIGUES, 2020a).

Em Alagoas, não parecia nem parece haver hegemonia de uma facção, mas da lógica faccional que alimenta rivalidades e zoneamentos de circulação intra e interurbana. Essa figuração estava tensionada pela atuação de policiais e grupos que se enunciam como “neutros”, estes últimos relativamente menos poderosos, mas poderosos o suficiente para impor limites à expansão de alianças do CV e alianças do PCC em suas quebradas.

No caso de Sandrinho, o deslocamento não derivou diretamente de um vínculo faccional formado em outro estado. Mas dele gerou a necessidade de se posicionar em um jogo de poder marcado por divisões faccionais no sistema socioeducativo de Alagoas, algo que antes de 2016 não aconteceria. Foi a partir de sua vivência em presídios e no sistema socioeducativo que surgiram os dispositivos capazes de verificar com quem Sandrinho “corria e fortalecia”, auxiliando sua tomada de posição diante da triagem. Desse diálogo de posturas frente a frente, mediada por circulações de informações por meios digitais, deu-se o encaminhamento para o alojamento dos que correm com o PCC e não dos que correm com o CV, apesar de ter sido mais próximo de negócios e parcerias com jovens que corriam com o CV em Mato Grosso.

## ROCHA

Janeiro de 2013. Calor. Estamos no que deveria ser uma sala de aula na Unidade de Internação de Jovens e Adultos (Uija). Livros enviados pelo Ministério da Educação (MEC) estão espalhados no canto direito da sala, alguns atingidos por umidade – a mesma situação das paredes –, que dispersam o mofo e o mau cheiro no ar.

Estamos sentados em carteiras velhas, uma delas sem o braço. A única entrada de luz natural é o portão por onde entramos. A sala também é uma cela. Quinze minutos se passaram após a solicitação, e apenas então ouvimos passos, primeiro sobre terra batida, depois sobre cimento. Olhamos o portão e vemos Rocha – o jovem que os agentes trouxeram – e, em seguida, o monitor. Levantamo-nos das carteiras para cumprimentá-lo e nos apresentamos.

Ele conta que seus pais vieram do norte de Alagoas. A mãe nasceu em Matriz de Camaragibe, e seu pai, em São Luis do Quitunde, cidade onde Rocha morou junto com a irmã até os sete anos, quando seus pais se separaram. “Fui morar com meu pai. Escolhi meu pai”, acentuou, expressando alguma rudeza. “Eu era mais apegado a meu pai. E a minha mãe era mais apegada a minha irmã”, justificou. Enfatiza que seu pai foi seu pai e sua mãe. Seu pai era quem lhe visitava no sistema.

Depois da separação, a mãe de Rocha migrou para São Paulo com uma nova família, onde morou até o período da entrevista. O pai mudou-se para Maceió, buscando o apoio da avó de Rocha para criá-lo. Precisava conciliar o vínculo filial com Rocha e a busca por trabalho.

Apenas num momento posterior da entrevista esse episódio ficaria mais claro, quando Rocha se sentiu mais à vontade para enunciar seus sentimentos. Voltamos ao assunto quando insistimos em entender por que em determinada altura de sua vida ele foi morar com a mãe.

Ele explica que, ainda pequeno, após se mudarem para Maceió, o pai arrumou um emprego através de redes de amigos em plantações de cana-de-açúcar de Mato Grosso. No início, o pai foi sem Rocha, que ficou com sua avó paterna. Meses depois, o pai veio buscá-lo. Eles ficaram um ano lá e, após o fim do ciclo sazonal de trabalho nas usinas, retornaram a Maceió; em dois meses o pai encontra outro trabalho. Ele vai sozinho a Mato Grosso e, um mês depois, Rocha vai ao seu encontro, numa viagem num ônibus clandestino<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Fizemos uma viagem semelhante no mesmo tipo de ônibus em janeiro de 2020. Embarcamos em um ônibus rumo a cidades de Mato Grosso através do sertão de Alagoas, da Bahia, de Goiás, o Distrito Federal, de Goiás de novo e, por fim, de cidades do Mato Grosso. Desembarcamos em Primavera do Leste, onde acompanhamos o cotidiano de interlocutores, entre eles um interlocutor que havia passado pelo crime em Maceió e agora trabalhava

Findo novo ciclo de trabalho, voltam a Maceió, onde passam alguns meses na casa da avó paterna; em seguida, o pai de Rocha volta a Mato Grosso. Dessa vez sem Rocha, alojado improvisadamente na casa dos tios, uma vez que sua avó havia falecido meses antes. Quando ele explica por que não se adaptou à casa dos tios, arrumando confusão com vizinhos e parentes, o assunto do afeto pela mãe retorna:

**ROCHA:** Oxi, eu era danado. Brigava, arrumava confusão com os vizinho.  
**FERNANDO:** Mas você sentia falta, por exemplo, da sua mãe, da presença da sua mãe?  
**ROCHA:** Não.  
**FERNANDO:** Por que que você não sentia?  
**ROCHA:** Porque eu tinha raiva da minha mãe.  
**FERNANDO:** Por que que você tinha raiva da sua mãe?  
**ROCHA:** Porque ela se separou do meu pai, ela traiu meu pai.  
**FERNANDO:** Entendi, então quando você optou por seu pai, isso pesou?  
**ROCHA:** Humhum.

A rotina de trabalho sazonal do pai dificultou a rotina escolar de Rocha. Ainda assim, ele pretendia trazê-lo a Mato Grosso mais uma vez. As pessoas mais próximas do afeto de Rocha, a avó e o pai, estavam distantes. Os vizinhos e parentes não o queriam, não havia vínculos anteriores, e restou uma agressividade latente, também alimentada por Rocha. Nesse caso, foi mobilizada uma justificativa da responsabilidade maternal por membros da família, baseada na ideia de que a mãe deveria cuidar daqueles que são do “seu sangue”. É assim que surge a pressão para que Rocha migre para São Paulo e vá morar com a mãe e seu companheiro.

Aos 13 anos, o casal o recebe em São Paulo. Ao que indica, acolhem-no. Quando perguntamos se ele guardava mágoa da mãe quando foi a São Paulo, respondeu:

**ROCHA:** Não.  
**FERNANDO:** Quando foi que mudou esse sentimento em você?  
**ROCHA:** Quando eu fui pra lá.  
**FERNANDO:** Você foi bem recebido pelo seu padrasto?  
**ROCHA:** Oxi, eu amo ele.  
**FERNANDO:** É mesmo?  
**ROCHA:** Tinha ódio dele e... [hoje] Eu amo ele.  
**FERNANDO:** Então você... Você gosta do seu pai do mesmo jeito que você gosta do seu padrasto?  
**FERNANDO:** Entendi. Mas você teve uma afeição muito grande pelo seu padrasto.  
**ROCHA:** Humhum.  
**FERNANDO:** Quando você foi pra lá, quais foram as atitudes que você lembra assim de carinho de sua mãe e de seu padrasto que você...  
**ROCHA:** Muita, oxi, um bocado. Chegava, conversava, beijava, brincava.

---

em fazendas de soja da região.

Com uma família até certo ponto substituta, vinda de uma comunidade onde crianças circulam entre pessoas da família e da vizinhança (FONSECA, 2006) e com evidências de boa convivência, Rocha depara com outras limitações. Após dois anos matriculado, abandona a escola da região. Sente as dificuldades de acompanhar o ensino por ter vivido deslocamentos constantes. Também sentiu a pressão da cidade para ganhar dinheiro como caminho quase exclusivo de ganhar sentidos de vida, passando por muitos constrangimentos para buscar conforto afetivo fora da família. Um desses constrangimentos o leva à procura de trabalho no crime, pelo dinheiro e para sustentar o vício, afirma, adquirido em São Paulo.

## AGENTES DE SEGURANÇA, AFETOS E MOBILIDADES CRIMINAIS

Rocha afirmou que deixou a escola por conta do crime. “Eu que quis vender, eu pedia os caras pra ir”, ressaltando que seu envolvimento foi, antes de tudo, decisão sua, e não o fruto de um convite ou de constrangimentos de amigos ou parceiros (FELTRAN, 2011). Muitos dos jovens que entrevistamos afirmavam que eram sujeitos de suas tomadas de posição, mas frequentemente deixavam de lado, nessas afirmações, os processos anteriores, em que não podiam se colocar como sujeitos (LYRA, 2013).

No morro onde morava em Diadema, em São Paulo, bailes *funks* opulentos eram organizados por “irmãos” do PCC. Ele falou dos bailes como uma das coisas mais gratificantes que podia ter. Era uma inebriante novidade para ele, especialmente a opulência das festas, em comparação com as vivências em cidades por onde passou em Alagoas e Mato Grosso. Em seu horizonte, o dinheiro que ganharia se direcionaria para dois focos: uma ajuda para a mãe e o padrasto comprarem uma casa, uma meta coletiva, e investimentos em roupas e drogas para festas, ponto de gratificação para ele como indivíduo, associado à conquista sexual de mulheres.

Ele vendeu cocaína durante um ano. Depois foi “se levantando, que o crime tem etapa: fui pra embalar droga. Um mês só. Comecei a virar pó, fazer cocaína. Fiquei o resto dos meus dias lá. De um ano a um ano e meio”. Chegou a ganhar entre 2 e 5 mil reais por mês, mas não mencionou nenhuma “treta” com parceiros do crime, como em outras trajetórias que reconstruímos.

Restava a resignação masculina ativa, a de ter de agir sobre as circunstâncias de sua vida da qual não tinha controle, mas compreendia como uma responsabilidade inteiramente sua. Junta as forças para refazer a vida de alguma forma, não se sabe bem como. Não sobra

muito espaço nem tempo para pensar sobre o que ficou para trás. Mais cedo ou mais tarde isso vem ao corpo como dores irrefletidas, o sofrimento pela falta de alguém, a perda de um amor, sofrimentos geralmente vividos em silêncio que, com sorte, serão compartilhados às escondidas a um parceiro conhecido na unidade ou embalados solitariamente por melodramas musicais como bregas, sertanejos, músicas *gospel* ou mensagens ritmadas por *raps*, inclusive os feitos em Alagoas, as músicas que ouve dentro do alojamento.

Ir a São Paulo tornou-se afetivamente gratificante, apesar de ter sido o efeito de dinâmicas familiares não intencionadas, decorrentes de pressões sociais e afetivas consequentes da pressão social sobre a mãe, de quem se espera o acolhimento materno. Elas estiveram atreladas à busca por trabalho de parentes e foram vivenciadas por uma criança e adolescente com intensas experiências de deslocamento, não apenas territorial, mas também relacionado a suas relações afetivas. Mas esse equilíbrio de relações em sua vida não duraria muito.

O trabalho nas “lojinhas” e “biqueiras” da quebrada o levou a um conflito com um policial que teve um desfecho mortal, novo gatilho de evacuação e migração. Os líderes da quebrada decidiram que não pagariam a extorsão semanal expressa nos achaques de policiais aos traficantes. Rocha e um parceiro estavam na linha de frente quando o policial chegou para a cobrança. Este não esperou, sabia qual era a mensagem que queria enviar e o que encontraria na quebrada. O policial foi logo atirando quando avistou os dois garotos, e um dos tiros pegou o braço de Rocha. O equilíbrio tenso entre a polícia e a facção na biqueira em Diadema estava por um fio.

Revoltado e sedento de vingança, Rocha procurou o policial em sua casa no mesmo dia, após sair do hospital, e deu um tiro nele, assassinando-o. À época da entrevista, no ano de 2013, éramos menos sensíveis às dinâmicas criminais dos jovens fora de Alagoas. As alianças faccionais não eram tão constitutivas da relação entre atacado e varejo em Maceió e cidades do interior de Alagoas, como se tornou após 2015. Não ficou claro, posteriormente, se ele pediu autorização ao patrão para conduzir sua busca e vingança e se essa falta de consulta gerou algum tipo de ação tácita entre irmãos de facção e polícia para tirar o foco da quebrada por uma ação que não tivera o aval dos “cabeças”.

Daí em diante, Rocha se torna objeto da procura incessante da polícia, até o dia em que é pego em uma operação policial midiaticizada, transmitida ao vivo por um canal de TV. Nesse caso, foi sua salvação. Vale à pena atentar para seu relato:

Essa treta foi pelo tiro que eu levei do policial. Eu fui pra o hospital aí eu fui buscar ele na casa dele.

Porque eu era conhecido no morro. Ele recebia dinheiro antes, aí nós parou de pagar a ele, aí ele quis prender nós. Era corrupto. Quando ele me viu ele já foi atirando, eu

tava desarmado, eu saí correndo. Acertou no braço. Fui atrás no mesmo dia. No dia que fui preso eu tava foragido, nesse dia eu tava já lá em cima. Faltou um cara da boca, tive que ir no lugar dele, tava passando na televisão esses negócios e tudo, aí tava filmagem minha. Tinha uma câmera que pegou a ação, entendeu? Procuraram eu pelo homicídio só que pegaram eu traficando, eu fiquei com homicídio e tráfico. Não era, não era nem pra eu tá na boca, só que quando a pessoa diz quando é o dia da pessoa é o dia né, faltou um cara, o dono mandou, o chefe lá mandou eu ir no lugar dele, eu falei eu vô. Pegaram eu, já tava investigado já. Não morri porque a imprensa tava lá embaixo. Passei seis meses, paguei, chamei um advogado. Já com 16 anos isso, foi já em 2010. No que eu me soltei eu vim logo pra cá porque eu sabia que eles iam me matar, a polícia.

Rocha está mais uma vez de partida. Agora, a origem da evacuação não está na dependência afetiva nem na dependência econômica familiar. A mudança é motivada por uma treta com a polícia por sua função no crime, que esteve longe de poder controlar. Tem apenas 16 anos. Ele entende que já tem 16 anos.

Na fala, vale a pena nos deter na ideia de “resto dos dias” expressa por Rocha, enunciado com forte tom nostálgico para situar sua experiência de deslocamento abrupto de uma vida até então gratificante. Com ela, ele sinaliza os efeitos dos eventos sobre sua percepção de viver no limiar da quase morte, os tiros que levou em confronto com um policial e a morte simbólica dele no lugar, uma vez que sentia não poder mais voltar ao morro em Diadema, à rede que construiu, a que pareceu ter se adaptado bem. Tinha uma vida gratificante com sua mulher, sua filha e seus parceiros, desfeita subitamente.

Rocha está aperreado para sair o quanto antes do morro em Diadema – policiais vem atrás dele para assassiná-lo, e a rede familiar e de parentes mais uma vez é acionada para permitir a adaptação a sua chegada a Maceió. Dessa vez, a rede mobilizada é a paterna. A família que construiu e reconstruiu com a mãe é deixada para trás, trazendo a sensação de cansaço e o horizonte de um novo recomeço. Sente saudades dos que abandonou, estava vinculado e apaixonado por Jennifer e Stephany, sua mulher e sua filha, que tinham uma vida enraizada em São Paulo e não viriam a Maceió.

Ele não tinha como oferecer estabilidade às duas, não podia cumprir o “papel de cabra-homi” normalmente esperado por homens e mulheres em muitas periferias. Continuam a trocar mensagens, mas uma parte dessa experiência é vivida à distância, por aplicativos e ligações mediadas pela equipe técnica ou por algum celular que adentra o complexo. Ele já tinha outra namorada quando o entrevistamos e vivia uma agitação por imaginar que eventualmente teria de fazer uma escolha quando saísse. Alimenta seus pensamentos de valor próprio sonhando com o amor de duas mulheres, de imaginar o prazer de saber de quem ele gosta mais, Jennifer, a que ficou em São Paulo, ou Melissa, a atual. Cultiva a fantasia de poder sobre as duas, mas as

dúvidas sobre o desejo de Jennifer por ele estão evidentes no fato de ela também estar em outro relacionamento, mas continuar se comunicando com ele. Rocha enunciou o desejo de voltar a São Paulo; pensava em Jennifer, ainda que carregasse a ansiedade da impossibilidade de voltar a São Paulo. A fronteira entre a fantasia do prazer de ter o amor de duas mulheres e o medo da frustração de perdê-las é tênue; dentro da noite, gera medo, especialmente quando está sozinho.

O pai de Rocha, entre Mato Grosso e Alagoas, se torna novamente a figura e a face cotidiana de sua rede de proteção, mas as mineradoras e usinas que demandam seus serviços como soldador o pressionam a ausentar-se de sua quebrada em Maceió para rodar pelas margens dos mercados de trabalho do capitalismo global, nas posições mais mal remuneradas. Dessa vez, com a prisão de Rocha, terá de diminuir as viagens, mas não poderá parar. Dividirá a responsabilidade de visitá-lo com algum parente. Dentro dos alojamentos, a pressão é forte para que Rocha fortaleça cada vez mais suas alianças com o crime, experimentando a partilha de sofrimentos e rivalidades através de parcerias com adolescentes, muitos deles ansiosos para estabelecer compromissos faccionais. Família e facção, mas também igrejas: os titãs dos corações de muitos adolescentes encarcerados.

## CONCLUSÃO

Destacamos como regimes de mobilidade são coproduzidos na interseção de trabalho, família e mercados criminalizados, num estado triplamente periférico no sistema-mundial. Instituições e grupos específicos do estado, particularmente polícias e prisões e, mais especificamente, do mercado, em diferentes escalas, entrelaçam-se na conformação de constrangimentos para as movimentações dos pobres marginalizados, seja através de evacuações, seja por meio de migrações ou deslocamentos cotidianos marcados por proibições de circulação. O trabalho informal e a dos sistemas de encarceramento, estão entrelaçadas com as redes afetivo-familiares desses jovens. Elas são dimensões da vida emblemáticas para analisar a reprodução das desigualdades encarnadas na produção das margens humanas e de seus regimes de mobilidade.

O crime amplia seu papel territorial e redefine seus laços pelo Brasil também através das redes familiares e afetivas. O Estado, esse foco da detração de setores universitários, quando visto a partir do diálogo com tais experiências marginais, parece mais um espectro pouco palpável ou uma rede intrincada de micropoderes. A diversidade de faces pessoais do estado,

nessas múltiplas relações, faz com que diferentes agentes estatais, mais que “o” Estado, operem seus interesses próprios como agentes subordinados a projetos e grupos não estatais do capital nacional e mundial, mais abrangentes e abarcantes e pouco separáveis de um Estado agenciador de negócios do Estado-Nação como um polo de gravitação normativa próprio. São eles que exercem os principais poderes de estruturar a política de mobilidade constantemente mutante dos trabalhadores pobres, “fichados”, seja como trabalhadores, nas carteiras de trabalho, em situação cada vez mais precária, seja como criminosos, nos arquivos e grampos de delegacias, ministérios públicos e sistemas carcerários. Impõe-se a partir daí a necessidade de adequação das políticas afetivas e territoriais, em geral colocadas no segundo escalão das preocupações tidas como válidas ao cuidado de humanos igualmente considerados de segunda categoria nas figurações da pobreza contemporânea nas margens humanas brasileiras e globais.

## REFERÊNCIAS

1. ALBUQUERQUE, Cícero Ferreira de; CANIELO, Márcio de Matos. Migração: a amarga vida de canavieiro do camponês do Semiárido. **Latitude**, cidade, v. 5, n. 1, p. 113-131, 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/1001>. Acesso em: 27 jul. 2022.
2. ARAYA, Andrés León; ARAYA, Sergio Salazar. Del cerro al norte: historia y memoria en la migración campesina hondureña. In: GARCÍA, CARLOS SANDOVAL (org.). **Migraciones en América Central: Políticas, territorios y actores**. San José: Editorial UCR, 2016. p. 3-24.
3. BARROS, Ana Maria Leite de. **A cidade sob o olhar da periferia: aspectos do cotidiano dos moradores do morro dos alagoanos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/3573>. Acesso em: 27 jul. 2022.
4. BIONDI, Karina. Políticas prisioneiras e gestão penitenciária: incitações, variações e efeitos. **Etnográfica**, Lisboa, v. 21, n. 3, p. 555-567, 2017.
5. BOWLBY, John. **Apego: a natureza do vínculo**. 2002. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
6. BUMACHAR, Bruna. **Nem dentro, nem fora: a experiência prisional de estrangeiras em São Paulo**. 2016. –Dissertação (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/publicacao/155173/nem-dentro-nem-fora-a-experiencia-prisional-de-estrangeira/>.

Acesso em: 27 jul. 2022.

7. CARVALHO, Ada Rízia Barbosa De. **Cadeias de tensão: repertórios disciplinares de facções e do sistema em unidades de internação alagoanas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: [http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/7796/1/Cadeias%20de%20tens%C3%A3o\\_%20repert%C3%B3rios%20disciplinares%20de%20fac%C3%A7%C3%B5es%20e%20do%20sistema%20em%20unidades%20de%20interna%C3%A7%C3%A3o%20alagoanas.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/7796/1/Cadeias%20de%20tens%C3%A3o_%20repert%C3%B3rios%20disciplinares%20de%20fac%C3%A7%C3%B5es%20e%20do%20sistema%20em%20unidades%20de%20interna%C3%A7%C3%A3o%20alagoanas.pdf). Acesso em: 27 jul. 2022.
8. COLAK, Alexandra Abello; PEARCE, Jenny. “Security from Below” in contexts of chronic violence. **IDS Bulletin**, v. 40, p. 11-19, 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1759-5436.2009.00017.x>. Acesso em: 27 jul. 2022.
9. DRYBREAD, Kristen. Murder and the making of man-subjects in a Brazilian juvenile prison. **American Anthropologist**, v. 116, n. 4, p. 752-764, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/268821420\\_Murder\\_and\\_the\\_Making\\_of\\_Man-Subjects\\_in\\_a\\_Brazilian\\_Juvenile\\_Prison](https://www.researchgate.net/publication/268821420_Murder_and_the_Making_of_Man-Subjects_in_a_Brazilian_Juvenile_Prison). Acesso em: 27 jul. 2022.
10. ELIAS, Norbert. **Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
11. FACUNDO, Angela Navia. **Êxodos, refúgios e exílios: colombianos no sul e sudeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2017.
12. FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteira de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp/CEM, 2011.
13. FELTRAN, Gabriel. (Il)licit economies in Brazil: An ethnographic perspective. **Journal of Illicit Economies and Development**, cidade, v. 1, n. 2, p. 145-154, 2019. Disponível em: <https://jied.lse.ac.uk/articles/10.31389/jied.28/>. Acesso em: 27 jul. 2022.
14. FELTRAN, Gabriel de Santis. Das prisões às periferias: coexistência de regimes normativos na “Era PCC”. **Revista Brasileira de Execução Penal**, cidade, v. 1, n. 2, p. 45-71, 2020. Disponível em: <http://rbepdepen.depen.gov.br/index.php/RBEP/article/view/dossie2>. Acesso em: 27 jul. 2022.
15. FELTRAN, Gabriel. **Stolen cars: a journey through Sao Paulo’s urban conflict**. IJURR Susc ed. London: Wiley, 2021.
16. FELTRAN, Gabriel; FROMM, Deborah. Ladrões e caçadores: sobre um carro roubado em São Paulo. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, cidade, n. 50, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/43304>. Acesso em: 24 jul. 2022.
17. FONSECA, Claudia. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 11-43, jun. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332006000100002&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100002&lng=pt)

- &tlng=pt. Acesso em: 28 abr. 2021.
18. FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Mauricio Piatti. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 123, p. 121-142, 1 dez. 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/11193>. Acesso em: 24 jul. 22.
  19. FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.
  20. GALEANO, Ana Paula; ALMEIDA, Ronaldo. **Tráfico de drogas entre as piores formas de trabalho infantil: mercados, famílias e rede de proteção social**. São Paulo: CEBRAP, 2018. Disponível em: <https://cebrap.org.br/pesquisa-traffic-de-drogas-entre-as-piores-formas-de-trabalho-infantil-sai-em-livro-e-e-book/>. Acesso em: 24 jul. 2022.
  21. GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2017.
  22. GUEDES, André Dumans. Andança, agitação, luta, autonomia, evolução: sentidos do movimento e da mobilidade. **Ruris**, v. 9, n. 1, p. 111-141, 2015. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/2078>. Acesso em: 27 jul. 2022.
  23. GUEDES, André Dumans. Construindo e estabilizando cidades, casas e pessoas. **Mana**, v. 3, n. 3, p. 403-435, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/WK3CtbKDYfYqHcBHP83jLpy/?lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2022.
  24. IDLER, Annette. **Borderland battles: violence, crime, and governance at the edges of Colombia's war**. Oxford: Oxford Press, 2019.
  25. KNOWLES, Caroline. Cities on the move: navigating urban life. **City**, v. 15, n. 2, p. 135-153, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/action/showCitFormats?doi=10.1080%2F13604813.2011.568695>. Acesso em: 27 jul. 2022.
  26. LEÓN, Alejandra Díaz de. Jóvenes centroamericanos en México: estrategias y capital social migratorio. In: TAVIRA, Norma Baca; LEÓN, Andrea Bautista; MADRIGAL, Ariel Mojica (org.). **Jóvenes y migraciones**. Barcelona: Gedisa, 2019a. p. 89-110.
  27. LEÓN, Alejandra Díaz de. "Nadie aprende en cabeza ajena": migración y violencia en México. **Justicia possible**, v. 1, n. 2, septiembre de 2019/febrero de 2020, p. 22-28, 2019b. Disponível em: <http://insyde.org.mx/pdf/justicia-possible/02JUSTICIA%20POSIBLE-AGOSTO20.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022.
  28. LYRA, Diogo. **A república dos meninos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.
  29. MALLART, Fábio; RUI, Taniele. Cadeia ping-pong: entre o dentro e o fora das muralhas. **Ponto Urbe**, v. 21, s.p., 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3620>. Acesso em: 24 jul. 2022.
  30. MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. **A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2018.

31. MARQUES, Adalton. Do ponto de vista do “crime”: notas de um trabalho de campo com “ladrões”. **Horizontes Antropológicos**, v. 22, n. 45, p. 335-367, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832016000100335&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832016000100335&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 24 jul. 2022.
32. MELO, Juliana; RODRIGUES, Raul. Notícias de um massacre anunciado e em andamento: o poder de matar e deixar morrer à luz do Massacre no Presídio de Alcaçuz, RN. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 48-62, 2017. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/857>. Acesso em: 27 jul. 2022.
33. NÚÑEZ, Mario Zúñiga. Migración, pandillas y criminalización: la conflictividad social estadounidense y su relación con El Salvador. In: GARCÍA, Carlos (org.). **Migraciones en América Central Políticas, territorios y actores**. San José: Editorial UCR, 2016. p. 25-46.
34. OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. **Migrações nordestinas no século XXI: um panorama recente**. São Paulo: Blucher, 2014.
35. OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 134-143, 2005.
36. PADOVANI, Natalia Corazza. **Sobre casos e casamentos: afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona**. 2015. Dissertação (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/953777>. Acesso em: 27 jul. 2022.
37. PAIVA, Luiz Fábio da Silva. “Aqui não tem gangue, tem facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. **Caderno CRH**, v. 32, n. 85, p. 165-184, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/ZdSryHB3Y6Ph48C36pQrFLw/?lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2022.
38. PATARRA, Neide; CUNHA, José Marcos. Migração: um tema complexo. **São Paulo em Perspectiva**, cidade, v. 1, n. 2, p. 32-35, 1987.
39. PEÑA, Jesús; GARCÍA-MENDOZA, Enrique. Niños, niñas y adolescentes de circuito: entre la precariedad y la frontera, México. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 17, n. 2, p. 1-21, 15 jul. 2019. Disponível em: <http://revistaumanizales.cinde.org.co/rllcsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/3884/1015>. Acesso em: 24 jul. 2022.
40. PLANCHEREL, Alice; ALBUQUERQUE, Cícero; VERÇOZA, Lúcio. **Os sertanejos e os “da rua”**: idas e vindas do trabalho nos canaviais de Alagoas. São Carlos: UFSCar, 2011.

41. REIS, Nerci Aparecida dos. **A migração do nordestino trabalhador rural e a educação escolar de seus filhos**. Frutal: Prospectiva, 2012.
42. RODRIGUES, Fernando de Jesus. “Corro com o PCC”, “corro com o CV”, “sou do crime”: facções, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 103, p. 1-21, 2020a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/JFqXmbVR7TGzch8dRgYCH4v/?lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2022.
43. RODRIGUES, Fernando de Jesus. “‘Necessidade’ de ‘polícia’ e a ‘paz’ das ‘facções’: Desejos de ‘ordem’ e efeitos de ‘desordem’ nas periferias de Maceió, AL”. In: BITTENCOURT, João Batista de Menezes (org). **Juventudes contemporâneas: Desafios e expectativas em transformação**. Rio de Janeiro: Telha, 2020b, pp. 126-142
44. RODRIGUES, Fernando de Jesus; SILVA, Ada Rízia Barbosa da; SANTOS, Alana Barros. Notas sobre redes de proteção: facção, família e crime em periferias urbanas de Alagoas. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 3, p. 2.297-2.316, 8 jul. 2020. Disponível em: [https://periodicos.ifal.edu.br/diversitas\\_journal/article/view/1226](https://periodicos.ifal.edu.br/diversitas_journal/article/view/1226). Acesso em: 24 jul 2022.
45. SANTOS, Alana Barros. **Afetos marginais e tramas no crime: trajetórias sentimentais e experiências de encarceramento entre adolescentes mulheres**. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/7847>. Acesso em: 27 jul 2022
46. SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2008.
47. SILVA, Uvandererson Vitor Da. **Velhos caminhos, novos destinos: migrante nordestino na região metropolitana de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade, São Paulo, 2008.
48. SIQUEIRA, Ítalo Barbosa Lima; PAIVA, Luiz Fábio Silva. “No Norte, tem Comando”: as maneiras de fazer o crime, a guerra e o domínio das prisões do Amazonas. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 07, n. 17, p. 125-154, 2019. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/486>. Acesso em: 27 jul 2022.
49. TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Fino traço, 2010.
50. TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert. Nas dobras do legal e ilegal: ilegalismos e jogos de poder. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 5-6, p. 97-126, 2000. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7192>. Acesso em: 27 jul. 2022.
51. VALE, Ana Lia Farias; BONFIM, Maria Geovaní. Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil. **Textos & Debates**, n. 07, p. 22-43, 2004. Disponível em: <https://>

revista.ufr.br/textosedebates/article/view/1027/841. Acesso em: 24 jul. 2022.

52. VELHO, Otávio Guilherme. **Capitalismo autoritário e campesinato**: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 24 jul. 2022.
53. WALLERSTEIN, Immanuel. **The modern world-system I: capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century**. Berkeley: University of California Press, 2011.
54. WEBER, Florence. **Trabalho fora do trabalho**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
55. WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

*Fernando de Jesus Rodrigues*

Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas e *visiting fellow* no *Latin American and Caribbean Centre* da *London School of Economics*. Líder do Grupo de Pesquisa Periferias, Afetos e Economias das Simbolizações. Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8842-856X>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Colaboração: Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão do artigo. E-mail: [ferssa@gmail.com](mailto:ferssa@gmail.com)

*Adson Amorim*

Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, membro do Grupo de Pesquisa Periferias, Afetos e Economias das Simbolizações da Universidade Federal de Alagoas e do Núcleo de Pesquisas Urbanas da Universidade Federal de São Carlos. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7880-8427>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação do artigo.: E-mail: [adsonthrash@gmail.com](mailto:adsonthrash@gmail.com)